



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
JORNALISMO

**DA LAMA AO JORNAL NACIONAL: UM ESTUDO DE
OPINIÃO COM MORADORES DO COMPLEXO DO
SALGUEIRO**

GABRIELLA CORDEIRO PINTO DA SILVA

Rio de Janeiro
2023



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
JORNALISMO

**DA LAMA AO JORNAL NACIONAL: UM ESTUDO DE
OPINIÃO COM MORADORES DO COMPLEXO DO
SALGUEIRO**

Monografia submetida à Banca de Graduação
como requisito para obtenção do diploma de
Bacharel em Jornalismo.

GABRIELLA CORDEIRO PINTO DA SILVA

Orientador(a): Prof(a). Dr(a). Marialva Barbosa

Coorientador(a): Prof(a). Dr(a). Cristine Gerke

Rio de Janeiro

2023

FICHA CATALOGRÁFICA

CIP - Catalogação na Publicação

A474f	Sobrenome, Nome Título -- Rio de Janeiro, 2023. 78 f. Orientador(a): Coorientador(a): Trabalho de conclusão de curso (graduação) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Comunicação, Bacharel em Jornalismo, 2023. 1. Palavra-chave. 2. Palavra-chave. 3. Palavra-chave. 4. Palavra-chave. 5. Palavra-chave. I. Sobrenome, Nome, orient. II. Sobrenome, nome, coorient. III. Título.
-------	--

Elaborado pelo Sistema de Geração Automática da UFRJ com os dados fornecidos pelo(a) autor(a), sob a responsabilidade de Miguel Romeu Amorim Neto - CRB-7/6283.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

TERMO DE APROVAÇÃO

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, avalia o trabalho **Da Lama ao Jornal Nacional: Um Estudo de Opinião com Moradores do Complexo do Salgueiro**, elaborado por **Gabriella Cordeiro Pinto da Silva**.

Aprovado por

Prof. Dr. Nome completo (orientador)

Prof. Dr. Nome completo (coorientador) (se houver)

Prof. Dr. Nome completo do membro da banca 1

Nome completo do membro da banca 2

Grau:

Rio de Janeiro, no dia/...../.....

Rio de Janeiro
2023

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer à minha família; meus queridos pai e mãe, Cláudio e Cirlei, que me motivaram a terminar essa aventura chamada faculdade. À minha irmã, Izabella, obrigada pelas conversas, por aturar minhas reclamações e instabilidade, e por ser minha maior apoiadora nessa caminhada.

Quando falo de família, estou incluindo também mais cinco integrantes adotados, de quatro patas. Se não fosse o amor incondicional da parte deles, minha ansiedade certamente seria um problema ainda maior.

Agradeço aos meus amigos de dentro e fora da faculdade. Foi maravilhoso trocar conhecimento com vocês. Obrigada por acreditarem no meu potencial quando eu mesma não acreditava.

Obrigada à professora Cristine Gerk por não desistir de orientar este trabalho, apesar dos meus sumiços.

Obrigada Deus, Universo, e tudo mais que só a fé pode tocar. Muitas vezes foi preciso acreditar no inacreditável para vencer as estatísticas e probabilidades. Foi uma jornada difícil, desgastante e ao mesmo tempo maravilhosa.

SILVA, Gabriella Cordeiro Pinto da. **Da Lama ao Jornal Nacional: Um Estudo de Opinião com Moradores do Complexo do Salgueiro**. Orientador(a): Marialva Barbosa. Coorientador(a): Cristine Gerk. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Jornalismo). Rio de Janeiro: ECO/UFRJ, 2023.

RESUMO

A presente pesquisa tem como objetivo analisar a cobertura jornalística feita pelo Jornal Nacional (JN) sobre uma operação policial que ocorreu em novembro de 2021 no Complexo do Salgueiro, em São Gonçalo, Região Metropolitana do Rio de Janeiro. A ação dos militares contra integrantes do Comando Vermelho, facção presente na comunidade, causou uma intensa troca de tiros, deixando oito mortos, cujos corpos foram encontrados em uma área de manguezal adjacente à comunidade. Além disso, outras dezenas de pessoas foram feridas ou prejudicadas, seja pela falta de transporte público ou pelo fechamento do comércio local. Dito isso, estudaremos a percepção dos residentes locais sobre tais eventos e também acerca da reportagem exibida no JN; como foram impactados, e como vivenciaram tamanha repercussão. Como embasamento para nossa pesquisa, discutiremos racismo estrutural, valor-notícia e outros conceitos, além de autores, ensaios e livros que dissertam sobre a cobertura policial na imprensa.

Palavras-chave: jornal-nacional; violência-policial; valor-notícia; complexo-do-salgueiro.

SUMÁRIO

1. Introdução	01
2. O Complexo do Salgueiro	05
2.1 Breve História	06
2.2 Como chegamos ao Salgueiro dos dias atuais.....	08
3. A Operação Policial de 20 de Novembro de 2021	12
4. A Reportagem do Jornal Nacional	14
5. A Opinião dos Moradores	19
6. A Pesquisa Quantitativa	25
5.1 Entrevista qualitativa em profundidade.....	27
7. Violência Policial	32
8. Conclusão	38
9. Referências Bibliográficas	42

1. Introdução

O Complexo do Salgueiro é uma das comunidades mais violentas da cidade de São Gonçalo, região metropolitana do Rio de Janeiro. Constantemente, moradores são surpreendidos por operações policiais, trocas intensas de tiros, fechamento de barricadas, mortos e feridos. A rotina de violência gera insegurança, rouba a liberdade, além de aumentar o estigma negativo relacionado a comunidades no geral; são inúmeros os danos causados. Dito isso, a presente monografia pretende estudar este cenário, colocando em perspectiva a percepção das pessoas que moram na comunidade sobre a cobertura midiática do problema.

Esta pesquisa tem como objetivo analisar a percepção dos moradores do Salgueiro sobre uma operação policial que ocorreu na comunidade em 21/11/21, exibida no Jornal Nacional, da Rede Globo. Mais precisamente, a ideia é testarmos a hipótese de que a reportagem do JN influenciou a maneira como os moradores perceberam a abordagem policial na operação, com uma certa divisão da percepção entre antes e depois.

Escolhemos o JN por se tratar de um dos veículos de mídia mais influentes e de maior credibilidade no Brasil. Além disso, a escolha do tema estudado se deu pelas seguintes razões; a urgência do debate sobre cobertura jornalística de eventos que envolvem violência policial; o tema se mostra atual e relevante; existem poucas pesquisas sobre o Salgueiro, apesar de ser uma comunidade com centenas de moradores; a pesquisadora reside no local e pode acrescentar um novo ponto de vista.

Dito isso, no item 2, intitulado O Complexo do Salgueiro, falaremos sobre a história da comunidade, como seu território é dividido espacial e socialmente, as obras que compuseram a paisagem dos dias atuais, além de como todas essas características influenciam no fenômeno que estudaremos. O objetivo deste capítulo, portanto, é elucidar questões estruturais que envolvem o espaço, tanto em relação à dinâmica social, quanto ao espaço físico, como a divisão de bairros que fazem parte do complexo. Trabalharemos o conceito de microlocalidades, que pode ser definido como a existência de diversas microáreas que detêm variadas histórias. (SILVA, 2013)

Porém, não há como falar a respeito da história do Salgueiro sem citar o apagamento de dados sobre o local, um sintoma do racismo estrutural, conceito que também inspira esta pesquisa. Nesse contexto, ainda no item 2, usaremos a história oral e a autoetnografia como fundamento teórico metodológico para aprofundar as reflexões propostas. Essas duas abordagens científicas têm como principal característica o resgate da memória, da tradição e dos costumes de determinado povo, através de depoimentos e experiências individuais. Essas

metodologias mostram-se eficazes porque constroem um ponto de vista mais aprofundado sobre o Salgueiro, nosso objeto de estudo.

A história oral, portanto, é uma abordagem que se baseia na coleta e análise de relatos e testemunhos para reconstruir eventos históricos, valorizando a experiência individual, e busca preservar as histórias de pessoas, muitas vezes negligenciadas nas narrativas históricas convencionais. Já na autoetnografia, o pesquisador explora e interpreta eventos, experiências e interações pessoais. O pesquisador utiliza sua própria experiência como fonte de dados, incorporando reflexões subjetivas no processo de pesquisa.

Para estudar o passado do complexo do Salgueiro, faremos uma pesquisa histórica, método qualitativo de pesquisa bastante utilizado quando se busca traçar uma linha do tempo com acontecimentos marcantes em determinada localidade ou estudar algum fenômeno. O objetivo é esclarecer questões a fim de compreender como chegamos ao cenário dos dias atuais. Faremos, portanto, uma pesquisa histórica destacando eventos canônicos, como as obras da prefeitura, mudanças de governo, a instalação de UPPs no Rio de Janeiro, entre outros.

Tendo completado o panorama histórico-social da pesquisa, essencial para o desenvolvimento da mesma, partimos para o item 3, “ A Operação Policial de 20 a 22 de Novembro de 2021”, que tem como objetivo principal estudar o fenômeno e seus desdobramentos. Neste capítulo, usaremos como fundamentação teórica o conceito de História Única, da escritora Chimamanda Adichie, cuja premissa é trazer perspectivas diversas sobre um local, fenômeno ou indivíduo.

Em seu livro *O Perigo da História Única* (2019), a escritora disserta sobre os riscos da generalização, que pode estigmatizar narrativas, causando simplificações e distorções prejudiciais à compreensão completa de uma cultura ou povo. Além disso, o texto fala da importância de promover uma abordagem mais diversificada e inclusiva, que valorize a variedade de perspectivas e histórias, reconhecendo a complexidade e a riqueza das experiências humanas. Dessa forma, a pluralidade de vozes e representações pode contribuir para uma compreensão mais profunda, evitando estereótipos e enriquecendo a narrativa histórica e cultural.

Diante disso, faremos uma descrição detalhada da Operação Policial que estudaremos na pesquisa, seus desdobramentos e peculiaridades. Para fazer a descrição, destacaremos o que foi dito nos jornais e, para completar, levaremos em conta a versão dos moradores da comunidade, o que estavam fazendo durante a ação dos policiais e como foram afetados. Entendemos que desta forma apresentaremos perspectivas diversas acerca do fenômeno

estudado.

Outro fundamento teórico que vamos abordar no item 3 é o de valor-notícia e os critérios de noticiabilidade de Nelson Traquina (2006). O conceito pontua os critérios que determinado veículo de mídia utiliza para determinar quais eventos ou informações têm mais relevância e merecem ser noticiados. Os critérios de noticiabilidade são parâmetros que influenciam a seleção e a apresentação das notícias na mídia. Faremos isso para entender por que no momento estudado, a comunidade ganhou visibilidade midiática.

Depois de contar a história do Salgueiro e descrever a Operação Policial, partiremos para o item-chave da pesquisa: a apresentação de dados que corroboram para nosso estudo acerca da percepção dos moradores sobre a operação. Apresentaremos dados quantitativos e qualitativos, usando os conceitos de Jorge Duarte (2006). Sendo assim, no capítulo 4, “A Pesquisa Quantitativa” detalharemos cada passo da pesquisa, desde a formulação de perguntas no questionário do Google Forms, até os métodos utilizados para gravar conversas e entrevistas.

A pesquisa quantitativa, feita com auxílio do Google Forms, é composta por um questionário de sete perguntas e um vídeo de três minutos que exibiu a reportagem do Jornal Nacional. Nós apresentaremos as imagens dos percentuais e faremos um resumo por escrito das respostas recebidas. Já a parte qualitativa deste capítulo será composta por entrevistas em profundidade com moradores do Salgueiro. Com perguntas mais livres, ou em forma de conversa, a ideia foi ouvir as opiniões acerca da reportagem exibida no JN, com objetivo de compreender a opinião dos moradores e estudar a percepção dos mesmos sobre a reportagem, questão central de nossa pesquisa.

A entrevista se destaca como uma das abordagens mais frequentes e importantes para desvendar a complexidade da experiência humana. Ao longo do tempo, consolidou-se como uma técnica clássica na obtenção de informações nas ciências sociais, sendo amplamente adotada em disciplinas como sociologia, comunicação, antropologia, administração, educação e psicologia. (DUARTE, 2006)

Por fim, no ítem 5, Violência Policial, penúltimo capítulo, dissertaremos sobre violência policial, suas origens e consequências na sociedade, principalmente para pessoas não brancas e pobres. Esta parte da pesquisa buscará ensaios, jornais, livros e autores que discutem este problema tão atual e ainda sem solução, que é a violência policial e a negligência do Estado em determinados locais. Porém, nosso objetivo não é trazer uma solução para o problema, e sim apresentar dados que enfatizem sua urgência, sabendo que “a triangulação de dados com o acréscimo de fontes diversificadas ajuda a garantir a validade

dos resultados suportados por entrevistas em profundidade”. (DUARTE, 2006, p. 67)

Desta forma, cumprimos com os principais objetivos desta pesquisa, são eles; trazer perspectivas variadas sobre o mesmo fenômeno, estudá-lo e analisá-lo de forma profunda e consistente, considerar a percepção dos moradores do Salgueiro e, por fim, mostrar o que vem sendo dito sobre violência policial para relacionar a interpretação com o racismo estrutural e suas implicações.

2. O Complexo do Salgueiro

O Complexo do Salgueiro é um conjunto de bairros periféricos localizado no município de São Gonçalo, Região Metropolitana do Rio de Janeiro. Segundo o censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2022¹, a população estimada em São Gonçalo era de 1.091.737 pessoas. Sendo assim, é a segunda cidade mais populosa do Estado, atrás apenas da capital, Rio de Janeiro. O Salgueiro ocupa uma área total de 12 km², com uma população estimada de 76.614 pessoas.

Trata-se de uma comunidade formada por diversas esquinas, ruas, quadras, e outros pontos de referência que delimitam espaços e influenciam na organização social. Entender a dinâmica espacial é essencial para estudar as operações policiais que ocorrem no local e como os moradores são impactados. Isso porque o complexo abrange outras comunidades menores.

O Salgueiro por si só pode não ser Salgueiro. A localidade pode ser Fazenda dos Mineiros, Recanto das Acácias, Conjunto da Marinha etc. O ponto referencial do morador do Salgueiro pode ser, ainda, o centro, com diversas lojas, a caixa d'água que abastecia inicialmente o conjunto original, o trailer do Destacamento de Patrulhamento Ostensivo (DPO) da Polícia Militar, os pontos finais de algumas linhas de ônibus e van, entre outros; o antigo ponto do Bitinho, o Condomínio Dona Leda, que demarca localmente a limitação do bairro; os famosos CIEPs; os Projetos de Ação Social e o Amo Salgueiro; a quadra de escola de samba etc., isto é, uma gama de pontos espaciais de referência e de microlocalidades. (SILVA, 2013, p. 21)

A pesquisa de Silva (2013) sobre o Salgueiro chama esses sub-bairros de microlocalidades. Entendemos, portanto, que microlocalidades são espaços com características específicas que formam hierarquias sociais dentro da própria comunidade. Tais características abrangem aspectos como saneamento básico, asfalto, casas bem acabadas ou não, calçamento, acesso rápido ao transporte público, entre outros.

O Salgueiro, ao contrário da homogeneização cunhada pela palavra Complexo, apresenta diversas microáreas que detêm variadas histórias locais. O bairro mantém identidade relacional com os demais, que em diversos contextos e situações se diferenciam e se hierarquizam. (SILVA, 2013, p. 32)

Com o passar dos anos e a saída do Destacamento de Patrulhamento Ostensivo (DPO) da Polícia Militar da comunidade, outras microlocalidades foram surgindo e atualmente elas são delimitadas, principalmente, pelas barricadas, que são barreiras que impedem a passagem

¹ Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rj/sao-goncalo/panorama>. Acesso em: Dezembro, 2023.

de carros. Os bairros adjacentes que também são citados pela mídia e reconhecidos pelo senso comum como Complexo do Salgueiro são Itaúna, Recanto das Acácias, Fazenda dos Mineiros, Itaoca, Conjunto da Marinha e bairro das Palmeiras. O bairro das Palmeiras é o ponto mais remoto, próximo à área de manguezal onde ocorreu a chacina de 21 de novembro de 2021.

A categorização de um conjunto de bairros ou localidades extremamente diversas entre si denota um caráter negativo, aproximando da categorização de favela, no caso de algumas localidades (BIRMAN, 2008; FREIRE, 2008). Essa homogeneização espacial faz daquela região um lugar moralmente inferior, composto em sua maioria por favelados e bandidos, sendo potencialmente, portanto, considerado um lugar perigoso, com pessoas de pouca educação e nível social inferior. (SILVA, 2013, p 31)

Para contar a história do Salgueiro, é preciso entrelaçar narrativas, compreendendo as nuances de um local cuja característica mais marcante é uma cultura de sobrevivência. Trata-se de um ambiente de guerra constante, negligenciado pelo Estado, onde os moradores, além de terem seus direitos básicos negados, precisam lidar com o estigma relacionado às periferias.

Nosso objetivo, portanto, não é justificar operações policiais violentas, muito comuns em periferias no Rio de Janeiro, e sim trazer dados e contar a história de um local cujo apagamento é sistemático, e visa sempre ao silenciamento de minorias. Podemos, portanto, considerar o racismo estrutural uma das causas para tal silenciamento, o que acarreta na ausência de dados precisos e abrangentes sobre a violência policial no local e em todo país, de forma geral.

O racismo se manifesta não apenas nas práticas de abuso e violência policial contra a população negra, mas também na subnotificação e no apagamento dos dados relacionados a essas ocorrências, como veremos no capítulo 4 desta pesquisa. Tal apagamento cria um cenário de invisibilidade e impede uma compreensão real da dimensão de determinado problema. A ausência de dados confiáveis sobre violência policial dificulta a formulação de políticas públicas efetivas para enfrentar o problema. Além disso, a falta de transparência e prestação de contas contribui para a impunidade dos agentes envolvidos em casos de abuso.

2.1 Breve História

O Complexo do Salgueiro era chamado de Jardim São Lourenço, o antigo nome continua sendo usado nos letreiros dos ônibus até os dias atuais, e faz referência a uma

fazenda que existia no local antes da ocupação por parte de trabalhadores pobres vindos de outras regiões do Rio, que buscavam uma alternativa para a construção de moradias. “A região onde hoje está localizado o Complexo do Salgueiro começou a ser ocupada na década de 1940, após o crescimento demográfico da então capital do Brasil” (RODRIGUES *et al.*, 2022, p. 13).

Segundo registros da história oral recolhidos durante essa pesquisa, o Salgueiro era uma área rural, com árvores centenárias, atravessado por um rio de água limpa. Diversas fontes de água minavam do morro que hoje é popularmente conhecido como “vulcão do Salgueiro”, devido ao seu formato de cone. Para Gerck (2015), a história oral é compreendida como o método de pesquisa que tem intenção de fazer os povos narrarem suas próprias histórias, através de entrevistas e a construção do conhecimento científico por parte do entrevistador, levando em conta todas as nuances e subjetividades que interação entre indivíduos pode ter.

Como nenhuma interpretação é completa, ressalta Alberti, sempre há espaço para novas possibilidades. Mas as entrevistas têm valor de documento e sua interpretação tem a função de descobrir o que documentam. De acordo com a autora, o campo da história oral é totalizador: entrevistado e entrevistador trabalham na elaboração de projetos de significação. Esta vocação totalizante ganha ainda maior importância hoje, segundo Alberti, em um mundo em que a fragmentação de significados e o privilégio da superfície estão em destaque. (GERCK, 2015, p. 6)

Levando em consideração a precariedade de dados oficiais sobre a história do Salgueiro, decidimos então ouvir alguns moradores, a primeira que vamos citar é Luzia da Conceição Pinto, dona de casa, mulher negra, 77 anos.

Em meados da década de 70, Dona Luzia escolheu sua residência apontando para um documento com o mapa do bairro recém-construído, indicando assim a localização da casa que gostaria de morar. Era um conjunto de casas simples com telhas no estilo colonial, dois quartos e um quintal nos fundos. As ruas barrentas eram ocupadas pela vizinhança de recém-chegados. Sabe-se que a partir da década de 60, o Banco Nacional da Habitação, instituição pública criada durante a Ditadura Militar para financiamento de imóveis, fez um conjunto de casas no Complexo do Salgueiro, distribuindo moradias para a população de baixa renda e ex-militares da Marinha do Brasil.

Luzia, junto com a família composta pelo marido, Waldemar Nunes Pinto, a mãe também chamada Luzia da Conceição e mais quatro filhas, moram no Complexo do Salgueiro até os dias atuais. Vieram em busca de melhores condições de moradia e trabalho e presenciaram as profundas transformações ocorridas no bairro, tal como o crescimento da

influência do tráfico de drogas administrado pelo Comando Vermelho, que há mais de 35 anos é o poder paralelo que governa a região (RODRIGUES *et al.*, 2022, p.3).

Como já citado brevemente na introdução, um dos métodos utilizados nesta pesquisa é a autoetnografia, cuja abordagem tem como conceito a valorização da subjetividade enquanto instrumento de pesquisa, levando em conta a perspectiva do pesquisador diante do objeto, “evitando as definições rígidas, e tornando, dessa forma, a pesquisa mais significativa pensando no fator analítico/ interpretativo e na dimensão inserido do pesquisador em relação ao tema e campo de investigação” (SANTOS, 2017, p. 224).

Entrelaçando os conceitos citados por Santos (2017) e Amado (2006), através de duas metodologias que têm em comum argumentos que citam relato de pessoas, compreendendo que histórias e perspectivas diversas são essenciais para traçar o mapa desta e de tantas pesquisas. Luzia e Valdemar são avós da pesquisadora, as histórias escutadas durante a infância se somam com as memórias de uma autora também moradora.

A perspectiva autoetnográfica, portanto, encontra-se dentro do diverso leque de possibilidades que existem dentro do campo qualitativo de uma pesquisa. Acreditamos que a observação e a memória são algumas das possibilidades que devem estar inseridas dentro de uma investigação.

2.2 Como chegamos ao Salgueiro dos dias atuais

Alguns fatores foram necessários para tornar o Salgueiro cenário de operações policiais violentas e de abandono do poder público. Através do levantamento de dados qualitativos e uma pesquisa histórica, constatamos acontecimentos recentes que mudaram estruturalmente o bairro. Com relatos de moradores coletados em reportagens, e dos registros de história oral, bem como as vivências da autora, foi possível explorar o assunto, aprofundá-lo, descrever processos, compreender o passado, analisar e identificar problemas.

Silva (2013), por exemplo, descreve como era o Salgueiro no ano em que seu trabalho foi realizado. É interessante observar as mudanças no decorrer de 10 anos: as mais significativas são as obras do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC); a instalação das Unidades de Polícia Pacificadora (UPPs) no Rio; a migração de traficantes para o Salgueiro; e as obras da COMPERJ. Esses eventos mudaram estruturalmente o Complexo do Salgueiro, por esse motivo é importante falar sobre eles.

O PAC foi anunciado pelo Governo Federal em 2007, durante o governo Lula. Chegou à comunidade do Salgueiro com o objetivo de trazer infraestrutura para a região, como asfalto,

calçamento e saneamento básico. Contudo, a partir do ano de 2010, as obras foram paralisadas devido às consequências da Crise Financeira de 2008². Porém, alguns locais foram asfaltados e determinados cenários mudaram, o principal foi a estrada das Palmeiras, por onde circulam as rotas de ônibus, com ruas totalmente pavimentadas. Por outro lado, as adjacências permaneceram sem saneamento e, com o passar dos anos, a ideia de desenvolvimento trazida pelo PAC envelheceu.

A instalação das Unidades de Polícia Pacificadora (UPPs) em comunidades da cidade do Rio de Janeiro resultou, também, na migração de traficantes da mesma facção, o Comando Vermelho, para as favelas de São Gonçalo, pois os narcotraficantes buscavam regiões sem UPPs, onde pudessem atuar livremente.

A deterioração da segurança pública em São Gonçalo se aprofundou após o início da implantação de um programa de segurança pública denominado Unidades de Polícia Pacificadora (UPP), a partir de 2008”. Assim, há uma correlação temporal e causal entre a implantação das UPPs e a migração de criminosos da capital(...) De acordo com dados divulgados pelo Instituto de Segurança Pública do Rio de Janeiro (ISP-RJ), entre 2011 e 2014 houve aumento no número de atos criminosos em São Gonçalo em categorias como furto de propriedade, com alíquota de 40%, e homicídios, ou seja, quando há intenção de matar, a uma taxa de 20%. (RODRIGUES *et al.*, 2022, p.4)

Outro fator que alterou a paisagem e a dinâmica social na região foi a obra do Complexo Petroquímico do Rio de Janeiro, a COMPERJ, que visava abrir caminho para a passagem de material pesado em caminhões de carga, pelo bairro do Salgueiro. A Petrobras, portanto, fez uma obra no local, removendo diversas casas e indenizando famílias, para a construção de uma pista. A região da “favelinha”, na estrada das Palmeiras, foi extinta e deu lugar ao atual “pistão”, estrada que liga diretamente os bairros de Itaoca, Salgueiro, Jardim Catarina, e outros bairros, até o município vizinho, Itaboraí.

² A crise financeira de 2008, também conhecida como a crise das hipotecas, foi um evento econômico global que teve origem nos Estados Unidos e afetou significativamente os mercados financeiros em todo o mundo. Essa crise teve repercussões duradouras e impactou profundamente a economia global.

Figura 1: A abrangência demográfica do Complexo do Salgueiro



Fonte: G1³

As obras da COMPERJ foram paralisadas em 2015 devido à crise na Petrobras e os desdobramentos da Operação Lava Jato. A estrada de terra, pouco sinalizada e não iluminada, virou rota para o tráfego e um ponto estratégico local, conhecido informalmente como Síria. Em 2022, o Governo Federal construiu uma quadra no local para o uso da comunidade, porém o que se vê são crianças brincando na quadra de um lado da calçada enquanto uma boca de fumo funciona a todo vapor do outro lado. Um cenário muito comum nos dias atuais.

Para pensar no Complexo do Salgueiro da atualidade, é preciso também considerar outro acontecimento-chave muito citado por moradores: a retirada do Destacamento de Polícia Ostensiva (DPO) da região. Após a saída dos policiais militares, traficantes tiveram mais liberdade de circulação, exibindo armamento como fuzis e metralhadoras e carros roubados a qualquer hora do dia, aumentando a sensação de vigilância e poder do Comando Vermelho.

Além disso, pelo fato de o Salgueiro ser localizado próximo à BR 101, integrantes do Comando Vermelho fazem roubo de carga na região, desde carros de luxo para uso próprio até o saqueamento de caminhões de eletrodomésticos a fim de distribuir utensílios aos moradores

3

Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2021/11/22/moradores-do-complexo-do-salgueiro-no-rj-recolhem-corpos-em-manguezal-apos-operacao-da-pm.ghtml>. Acesso em: 27 jul. 2022

mais pobres. Dessa forma, se perpetuam como agentes protetores da região, na medida que encontram liberdade para o tráfico, ditam também as regras na comunidade.

3. A Operação Policial de 20 e 22 de Novembro de 2021

Neste capítulo, falaremos sobre a operação policial que é ponto de partida para a pesquisa e nosso objeto de estudo, ou seja, nosso principal foco de investigação. Através de uma análise feita através de estudos de publicações em jornais e entrevistas, buscamos esclarecer e contar os detalhes da operação e seus desdobramentos. Antes de analisar a reportagem exibida no Jornal Nacional, é preciso elucidar o que aconteceu e por qual razão é importante estudar tais eventos.

De acordo com notícia do G1, datada de 22 de novembro de 2021, moradores do Complexo do Salgueiro realizaram o recolhimento de corpos em um manguezal após uma operação da Polícia Militar. A ação policial resultou em confrontos armados e, segundo relatos, alguns “bandidos” foram encontrados sem vida no manguezal. Os moradores da comunidade decidiram começar a busca e resgate dos corpos por conta própria, devido à demora das autoridades em realizar o processo. A repercussão midiática do incidente suscitou questões sobre a violência e a falta de segurança na região, além da necessidade de ações efetivas para prevenir tamanha atrocidade e garantir a proteção dos moradores.

Antes de detalharmos, portanto, as causas e desdobramentos do confronto, é preciso cautela. Isso porque existe um risco muito comum para quem relata violência em comunidades carentes, o que a escritora Chimamanda Adichie chama de O Perigo da História Única (2019), livro publicado a partir de uma palestra no TEDx Talks. O livro fala sobre o problema que existe em contar uma história somente através de uma única perspectiva e criar a narrativa sem levar em conta todas as nuances presentes em determinada realidade. As histórias têm sido usadas para despojar e caluniar, mas também para capacitar e humanizar. Quando nós rejeitamos a história única, quando percebemos que nunca há apenas uma história sobre qualquer lugar, começamos a recuperar uma espécie de equilíbrio (ADICHIE, 2019).

Dito isso, vamos aos fatos: o sargento da polícia militar, Leandro Rumbelsperger da Silva, morreu, vítima de uma emboscada, na manhã do dia 20 de novembro de 2021, sábado, enquanto realizava uma patrulha de rotina na região do Complexo do Salgueiro. Em seguida à morte do sargento, um comboio da Polícia Militar foi enviado ao Salgueiro à procura dos responsáveis pelo crime.

A operação de busca pelos culpados do crime durou cerca de 48 horas, com intensas trocas de tiros, carros blindados e policiais fortemente armados, levando ao fechamento de comércio e à paralisação do transporte público. Segundo o portal de notícias G1, a cronologia dos fatos se deu da seguinte maneira;

- 6h20 de sábado (20): o sargento Rumbelsperger estava chegando para assumir o patrulhamento em Itaúna (bairro adjacente ao complexo do Salgueiro) quando bandidos o atacaram. O PM chegou morto ao hospital;
- 22h de sábado: moradores do Complexo do Salgueiro relataram intensa troca de tiros. Segundo a PM, era o Bope, em “ação para estabilizar o terreno”;
- A PM informou que a operação ainda estava em andamento durante o domingo;
- 7h20 de segunda (22): moradores começam a retirar corpos de um mangue.

Na noite de segunda-feira (22), uma reportagem foi exibida no Jornal Nacional, da Rede Globo de televisão, telejornal de maior audiência e abrangência do Brasil. A reportagem dedicou três minutos à cobertura da chacina, exibindo imagens de corpos cobertos por lençóis brancos, e depoimentos desesperados de moradores. Questionou sobre a demora da chegada dos bombeiros e deu espaço de fala para o porta-voz da PM, que tornou a repetir o que foi dito no texto acima.

4. A Reportagem do Jornal Nacional

É importante reforçar que este estudo tem como finalidade analisar a percepção dos moradores sobre a Operação Policial de 20 de novembro de 2021 a partir da cobertura do Jornal Nacional. Dito isso, precisamos discutir como é o processo de formação de opinião das massas. Usamos como base para esta análise o estudo de Nelson Traquina, em *Por que as notícias são como são* (2005), presente na pesquisa *O embate entre a mídia tradicional e a alternativa: uma análise da cobertura do Massacre do Jacarezinho* (2022) de Ana Beatriz Silva Diniz Ribeiro, Rafaela Gama e Jessica Alexandra.

Em meados do século XX, ganha força no Brasil a profissão jornalista, com poder de transmitir a verdade, fortalecer a democracia e atuar como mediador entre o poder público e os fatos (RIBEIRO *et al*, p. 2)

Se pensarmos nos dias atuais, as opiniões são formadas através de uma multiplicidade de plataformas e pessoas. Os processos de influência se dão a partir de grupos de referência, dentre eles os líderes de opinião, não excluindo, portanto, veículos que detêm credibilidade. Isso porque mesmo diante de um cenário mais moderno, a mídia tradicional ainda é a responsável por grande parte da difusão de notícias no Brasil, e por isso, sua credibilidade ainda é um fator importante para o corpo social (RIBEIRO *et al*, p. 3).

Segundo Lazarsfeld (1940), "os efeitos provocados pelos meios de comunicação de massa dependem das forças sociais que prevalecem num determinado período", sendo assim a função do "líder de opinião", como os jornalistas principalmente dos grandes veículos e mídias tradicionais, tem um papel significativo no processo mediado pela influência, pois eles detêm uma confiabilidade da população por causa do viés histórico da construção do profissional do jornalismo perante a sociedade. (RIBEIRO *et al*. p 3)

A notícia veiculada no Jornal Nacional, portanto, é formadora de opinião para a maior parte da população, mesmo nos dias atuais, com outras diversas fontes de informação. A partir disso, podemos afirmar que o JN detém credibilidade para grande parcela dos telespectadores. Ainda mais quando se trata de criminalidade e violência. A reportagem aqui discutida, como dito no item anterior, durou três minutos, tempo consideravelmente extenso para o horário nobre na Rede Globo, a maior do país.

Nelson Traquina (2005) disserta sobre valores-notícia, além de como os *mass media* tem o poder de moldar a realidade, já que categorizam as notícias que devem ser contadas ou não. Este conceito, de certa forma, sofreu algumas transformações durante o desenvolvimento

tecnológico e variedade de plataformas e fontes de notícias. No entanto, o valor-notícia pode estar presente em pequenas nuances.

Para além da seleção dos fatos, os valores podem atuar também na organização de uma redação ou veículo, como por exemplo o jornalismo local que utiliza de um critério/valor para se estabelecer em uma área mais fechada e cobrir certas temáticas. Ainda, a escolha para decidir o que deve ser prioridade e o que deve ser omitido também pode ser interpretado como um critério que faz parte do valor-notícia.

Em geral, os parâmetros para definir o que é noticiável levam em conta o nível hierárquico e social dos indivíduos, a quantidade de pessoas envolvidas, e o impacto para a sociedade. Além disso, outras orientações são a disponibilidade do material (principalmente quando se fala de materiais audiovisuais), repetição do assunto, interesse público. (RIBEIRO *et al.* p. 5)

A partir disso, vamos narrar fatores-chave exibidos na reportagem sobre o Complexo do Salgueiro. O vídeo começa pela parte mais impactante; os moradores, sozinhos, arrastando e retirando corpos do manguezal, sem a presença da Polícia Civil ou Bombeiros. A imagem em si é chocante. Sob a perspectiva de Traquina (2005), o principal valor-notícia nesta ocasião seria a “polêmica”. Em seguida, mostram-se depoimentos com vozes distorcidas a fim de proteger a identidade dos moradores, que contavam o terror presenciado.

Figura 2: Moradores cobrem os corpos encontrados no mangue com lençóis



Fonte: G1⁴

4

Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2021/11/22/moradores-do-complexo-do-salgueiro-no-rj-recolhem-corpos-em-manguezal-apos-operacao-da-pm.ghtml>. Acesso em: 27 jul. 2022

Depois das imagens impactantes, explica-se a razão e os desdobramentos da operação. Segundo a reportagem, o sargento Leandro Rumbelsperger fazia patrulhamento de rotina dentro do Complexo do Salgueiro, informação que diverge da reportagem do G1 — o patrulhamento teria sido feito em Itaúna, bairro adjacente — e não coincide também com o senso comum dos moradores do Salgueiro. Um policial jamais faria patrulhamento de rotina em uma área completamente dominada pelo Comando Vermelho.

Na reportagem do JN, a repórter Bette Lucchese afirma que a operação teve fim na tarde de domingo, mas que a Polícia Civil foi acionada somente na segunda-feira, pela manhã, para retirar os corpos do mangue. Segundo o porta-voz da PM, Fernando Braz, “o local do confronto dificultou o acesso da polícia e dos bombeiros” para a retirada dos corpos do manguezal.

Por outro lado, é crucial ressaltar neste ponto que, segundo registros da história oral para fins desta pesquisa, o local pode ser facilmente acessado, tendo em vista que os próprios moradores se encarregaram de retirar os cadáveres. Esta percepção foi omitida na reportagem.

A matéria do JN segue dizendo que a Defensoria Pública e o Ministério Público estão ouvindo moradores e investigando o caso. Diz ainda que o Jornal Nacional teve acesso a imagens exclusivas da PM, com vídeos que mostram as rotas de fuga dos bandidos pelo matagal, carregando fuzis. Aqui, podemos citar o entretenimento, valor-notícia interpretado por Traquina (2005), no sentido de despertar emoções como fascínio, susto, curiosidade.

Figura 3: Destaque para área de Manguezal, terreno nos arredores da comunidade



Fonte: G1⁵

A reportagem termina com dois depoimentos, um deles é de uma mulher, identificada como parente de Rafael Alves, inocente, morto na chacina. Ela afirma que “O Estado, o Governo... Alguém tem que dar uma resposta”. Aqui poderíamos citar dois valores-notícia, o da “proximidade” e “empatia”. Contudo, a mulher aparece sem nome, profissão ou idade. É apenas mais uma moradora da favela, indignada; banalizada.

Por último, temos o depoimento de um homem que prefere não mostrar o rosto. Ele diz: “Sei que é doloroso também para a família do policial quando ele morre, entendeu. Mas não é por causa disso que o ‘resto’ merece isso. Se eles mataram, mataram. Eles tinham que ser presos e julgados pelo o que eles fez. Agora não fazer o que eles (a polícia) fizeram lá”. Outro aspecto que poderia ter sido destacado na reportagem era o fato de que os corpos tinham sinais de tortura. Mas, ainda segundo Traquina (2005), cabe à mídia tradicional determinar se um assunto ou aspecto do fato é noticiável ou não.

5

Disponível

em:

<<https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2021/11/22/moradores-do-complexo-do-salgueiro-no-rj-recolhem-corpos-em-manguezal-apos-operacao-da-pm.ghtml>>. Acesso em: 27 jul. 2022

Figura 4: Capas dos principais jornais impressos do RJ



Fonte: <https://vercapas.com.br>

Os critérios de noticiabilidade podem ser interpretados à luz de vários fatores quando os acontecimentos envolvem moradores de periferia e áreas estruturalmente negligenciadas pelo Estado. Um deles é a negligência de evidenciar as vozes dos moradores e uma interpretação mais abrangente sobre a realidade social da região, o que tem razões históricas e culturais, como o racismo e a banalização da violência contra a população preta e pobre.

Em geral, os parâmetros para definir o que é noticiável levam em conta o nível hierárquico e social dos indivíduos, a quantidade de pessoas envolvidas, e o impacto para a sociedade. Além disso, outras orientações são a disponibilidade do material (principalmente quando se fala de materiais audiovisuais), repetição do assunto, interesse público (como as notícias de serviço) e a possibilidade da concorrência fazer o mesmo conteúdo. Levando em consideração tais valores-notícia, os critérios de noticiabilidade podem ser resumidos como aqueles que geram empatia, polêmica, proximidade, quebra de expectativa, entretenimento, progresso, tabu, entre outros. (RIBEIRO *et al.* p 3)

Voltemos, portanto, ao método de pesquisa da autoetnografia, cuja reflexividade impõe a constante avaliação feita pelo pesquisador da sua própria contribuição/influência/forma da pesquisa (SANTOS, 2017). Do alto da minha casa, na segunda-feira, 22 de novembro, vi

todos aqueles carros com sirenes ligadas, entre eles, carros de emissoras como SBT, Record e Globo. Um cenário cinematográfico, mas que, para nós, moradores, mais parecia um circo. Em uma semana estaríamos invisíveis mais uma vez...

5. A Opinião dos Moradores

No início desta pesquisa, usamos como fundamento teórico a história oral (AMADO, 2006), metodologia de pesquisa que vem ganhando espaço nas Ciências Humanas, na medida que cada vez mais estudantes cujas histórias foram apagadas ocupam as universidades do país. A ideia é contar a história que somente os nossos presenciaram; invisibilizados e marginalizados. Apesar de ser um método antigo, torna-se cada vez mais relevante nas ciências sociais.

O método da autoetnografia (SANTOS, 2017) também traz um novo ponto de vista; o do próprio pesquisador. Neste subcapítulo, por sua vez, retomamos esses métodos a fim de trazer outro ponto de vista para a história narrada no subcapítulo anterior.

Sob meu ponto de vista, posso narrar um intenso tiroteio na região. Nós, moradores, habitualmente, só descobrimos os motivos de tantos tiros depois que a guerra cessa. As janelas da minha casa tremiam com a proximidade e o estalar dos tiros. Aplicativos no celular, grupos no facebook, eram minha única fonte de informação naquele momento, enquanto aguardava o cessar do tiroteio jogada no chão de casa. Avisos, como os das imagens a seguir, eram compartilhados.

Figura 5: Print de uma imagem retirada de um grupo aberto do facebook



Fonte: Facebook

Figura 6: Print de comunicado publicado em página de notícias no facebook

Na Cara Da Sociedade · Seguir
21 de novembro de 2021 · 🌐

Noite de Terror na Comunidade do Salgueiro em São Gonçalo: 9 Corpos Confirmado até o Momento

Moradores da comunidade do Salgueiro em São Gonçalo, estão mandando vários áudios, onde relatam o desespero em ver traficantes sendo mortos em confrontos com a Polícia e seus corpos sendo jogados no mangue da localidade conhecida como Palmeiras.

Alguns áudios, moradores dizem que nem todos os mortos são bandidos, eles dizem que a polícia acamparam na favela, desde que o Sargento Leandro Rumbelsperger da Silva, de 40 anos, foi morto em uma troca de tiros com traficantes em Itaúna (Complexo do Salgueiro).

"Nós familiares, que estamos retirando os corpos do mangue, pois o mangue suga tudo que entra nele, se nós deixamos eles lá, quando chegar no dia seguinte não tem mais nenhum corpo para contar história".

Fonte: Facebook

Figura 7: Comentários de uma publicação no facebook

Mirian Duarte
Meus sentimentos a família do policial e a família dos mortos no Salgueiro! Nenhuma mãe merece enterrar um filho!!
Curtir Responder 1 a 49

↳ 5 respostas

Regis Regis Radar
Nem 100 bandidos mortos paga a vida de um policial de bem que luta para manter a lei e a ordem para que a população tenha seus direitos garantidos !
Curtir Responder 1 a 13

↳ 1 resposta

Priscilla Oliveira
Para cada policial caído 100 vagabundo morto é pouco sem mi-mi-mi. Parabéns #PMERJ
Curtir Responder 1 a 6

Fonte: Facebook

O dia 20 de Novembro de 2021 era dia de ENEM (Exame Nacional do Nível Médio), e centenas de pessoas do complexo do Salgueiro não puderam sair de casa para realizar a prova. Uma delas é Fernando Pinto, de 22 anos. Sem transporte público e com medo de sair de casa, não pode fazer a prova. Um abaixo assinado com mais de 4 mil assinaturas, feito por entidades não-governamentais, garantiu que a prova fosse aplicada aos moradores do

Salgueiro em outra data. Diversas pessoas também foram impedidas de chegar ao trabalho durante os dias de operação.

No próximo capítulo veremos com mais detalhes o ponto de vista dos moradores especificamente sobre a reportagem exibida no Jornal Nacional. Aqui, nos atentamos apenas às suas reações à operação, a fim de acrescentar e diversificar as perspectivas da história estudada nesta pesquisa. Levando em consideração que um de nossos fundamentos teóricos metodológicos são os registros da História Oral (FERREIRA; AMADO 2006), convém contar com entrevistas de diferentes origens que desempenham diferentes papéis no universo estudado.

Fernando se preparou para o ENEM o ano inteiro, como a maioria dos estudantes que estão no último ano escolar. Apesar de não ter muitas referências, cultivou o sonho de cursar uma faculdade. Enquanto conversávamos, ele brincou com a situação, disse que era típico de sua sorte algo extraordinariamente ruim acontecer justo no dia da prova do ENEM. Domingo, 21 de novembro, ele estava em casa, com expectativa da volta da circulação dos ônibus. A espera do cessar do tiroteio e a retomada do cotidiano na comunidade vinha desde quando a operação começou. Mas os tiros não pararam e os ônibus não voltaram a circular no domingo. “Confesso que desisti de fazer a prova, tracei um novo rumo para o ano seguinte... Arrumar um trabalho e quem sabe tentar de novo ano que vem”, ele disse. Graças ao abaixo assinado e à repercussão da Operação, Fernando pode fazer a prova na data marcada exclusivamente para moradores do Salgueiro. Atualmente ele cursa História na Universidade Federal Fluminense.

Clara Cunha, outra entrevistada, é comerciante, dona de uma loja de ração para animais. Ela reclamou principalmente do prejuízo causado por quase quatro dias de comércio fechado e o impedimento da entrada de mercadorias na comunidade para reabastecimento de estoque. Conversei sobre o assunto com ela em um dia qualquer, quando fui comprar ração.

A maioria das entrevistas em profundidade aconteceram desta forma, sem muita preparação, apenas uma conversa descontraída, gravada com o celular. Como pesquisadora, tive a impressão de que o excesso de formalidade nas conversas tornaria as respostas pouco produtivas. Para Joutard, um dos fundamentos teóricos da História Oral é criar memórias a partir de relatos.

Segundo Joutard (1995), a história oral revela o quanto é necessário, a partir da memória, que se transmitam experiências, para que elas não se percam. A ideia é acrescentar uma dimensão viva a acontecimentos e tomar consciência sobre as relações entre passado, presente e futuro, mesmo sem ter a pretensão de que a entrevista permita atingir diretamente a realidade. É

possível não só interrogar os atores principais, mas também os executantes e as testemunhas de assuntos diversos. (GERK, 2015, p. 4)

Outro ponto de vista foi encontrado dentro de um mercado da comunidade. Roberto, homem na casa dos 30 anos de idade, trabalha como repositor de mercadorias, enquanto ele alimentava uma prateleira e eu circulava pelo mercado, caímos no assunto; nos dia da Operação, Roberto não pôde trabalhar. Por ser morador da comunidade, disse que nem precisou justificar para os patrões, já que o Supermercado Marinheiro fica na comunidade e permaneceu fechado. “Aproveitei para descansar”, disse. Roberto afirmou também que era a favor da chacina, já que para ele, todos os mortos eram envolvidos com o tráfico. E que a polícia tinha razão.

Daniela Rodrigues, uma vizinha, mãe de duas meninas, lamentou não poder sair de casa nos dias de operação, disse que as rajadas de tiro assustaram as crianças e que esse tipo de acontecimento gera traumas e estresse para os moradores. Destacou também a ineficiência e a recorrência de ações violentas deste tipo, que nunca resultam em um resultado satisfatório para a comunidade, cujo domínio pertence aos traficantes, que voltam a ditar as regras assim que a polícia vai embora.

É importante ressaltar e levar em conta meu envolvimento como entrevistadora e moradora local e que, durante as entrevistas, procurei manter o distanciamento necessário para a análise do que era relatado. Procurei, portanto, manter minha subjetividade enquanto pesquisadora, sem abandonar a abordagem científica. Dessa forma, cumpro um dos objetivos desta pesquisa, que é trazer perspectivas diversas sobre um único acontecimento a fim de humanizar as pessoas envolvidas.

A reflexão sobre o envolvimento da entrevistadora como moradora local e pesquisadora destaca a complexidade inerente à condução de entrevistas. O esforço consciente em equilibrar a subjetividade pessoal com a objetividade científica revela um comprometimento ético e uma busca pela compreensão aprofundada do contexto estudado. Ao manter o distanciamento necessário durante as entrevistas, a pesquisadora não apenas atende aos padrões metodológicos, mas também contribui para a riqueza da pesquisa ao trazer perspectivas diversas e humanizar as experiências das pessoas envolvidas.

Essa abordagem cuidadosa não apenas enriquece o cenário analisado, mas também ressalta a importância de considerar a subjetividade nas pesquisas, visando uma compreensão mais completa e empática das realidades estudadas. O compromisso com a imparcialidade e a inclusão de diversas vozes enriquecem a análise, demonstrando a relevância de considerar a subjetividade para uma compreensão mais aprofundada das experiências investigadas. Essa

abordagem alinhada à metodologia científica contribui para atingir um dos objetivos da pesquisa que é apresentar perspectivas diversas sobre um único acontecimento e humanizar as pessoas envolvidas.

6. A Pesquisa quantitativa

Para entender melhor a percepção dos moradores antes e depois da reportagem exibida no Jornal Nacional, questão que é cerne da nossa pesquisa, realizei uma pesquisa quantitativa através do Google Forms. O método de pesquisa quantitativa visa a identificar quantas pessoas de uma determinada população compartilham uma opinião ou característica. Essa metodologia é projetada para gerar medidas precisas e confiáveis que permitam uma análise estatística e apresenta os resultados em números e percentuais (DUARTE, 2005).

O formulário foi enviado para grupos do Complexo do Salgueiro no WhatsApp e no Facebook, além de ter sido compartilhado com entidades que fazem ações sociais na comunidade, como o “Mulheres do Salgueiro”, espaço de troca entre mulheres que também oferece um curso pré-vestibular na comunidade, e o “Espaço Gaia”, casa de artes e doações que fica em uma área ou microlocalidade conhecida como lixão de Itaoca.

O questionário apresentava cinco perguntas listadas abaixo, além de requerer informações como nome e idade. Dentro do formulário era possível acessar um link para a reportagem do Jornal Nacional, crucial para o preenchimento das respostas. Todas as perguntas continham as opções de resposta: Sim, Não, Um pouco e Muito. O documento ficou aberto para resposta durante cerca de três meses, em 2023. A identidade das pessoas que responderam às perguntas foi preservada, no total, foram 43 respostas obtidas de residentes do Salgueiro. As perguntas foram:

- 1 - Você se sentiu representado com a reportagem exibida no Jornal Nacional?
- 2 - Na sua opinião, o que o foi exibido na reportagem sobre a operação policial condiz com a realidade do Salgueiro?
- 3 - A operação policial foi bem narrada na reportagem?
- 4 - A reportagem em questão trouxe mais visibilidade para o Complexo do Salgueiro?
- 5 - Depois dessa e de outras operações exibidas na TV aberta, na sua opinião, o Salgueiro se tornou um lugar mais seguro?

É importante ressaltar que essa abordagem metodológica busca compreender as perspectivas dos residentes. Os gráficos abaixo ilustram o percentual de respostas e como as opiniões se dividem.

Figura 8: Percentual de respostas

Fonte: Google Forms

Figura 9: Percentual de respostas

Fonte: Google Forms

Figura 10: Percentual de respostas

Fonte: Google Forms

A maioria das pessoas que responderam o questionário tem entre 46 e 60 anos de idade, entre as que se sentiram representadas pela reportagem exibida no Jornal Nacional estão empatadas em 37,2% as que acham que sim e as que pensam o contrário. Deles, 44% entendem que a reportagem condiz com a realidade do Complexo do Salgueiro, enquanto 37,2% opinam que a exibição no JN trouxe pouca visibilidade para a comunidade. Sobre o Salgueiro ter se tornado um lugar mais seguro após inúmeras reportagens sobre o local, 53,5%, mais da metade, afirmam que não. Portanto, apesar da divergência de opiniões acerca das ações policiais e da cobertura midiática, a maioria da população local ainda não se sente segura.

Como pesquisadora, achei o método de pesquisa quantitativa, neste caso, pouco eficaz. Apesar do tempo que o formulário ficou aberto, obtivemos poucas respostas. Contudo, podemos concluir que a maioria dos entrevistados não acha o Salgueiro um local mais seguro depois da exibição da reportagem no Jornal Nacional, mas que por outro lado, a reportagem trouxe mais visibilidade para a comunidade, e que o vídeo condiz com a realidade do Salgueiro.

6.1 Pesquisa qualitativa

Neste subcapítulo, vamos analisar depoimentos coletados através de entrevistas qualitativas em profundidade, cujo objetivo é entender qual percepção os moradores tiveram depois da exibição da reportagem no Jornal Nacional, que é a premissa desta pesquisa. Neste tipo de método teórico, não há sequência pré-determinada de questões a serem abordadas. O entrevistado é conduzido pelo pesquisador, mas tem liberdade para discorrer sobre o assunto.

Entrevista é uma das mais comuns e poderosas maneiras que utilizamos para tentar compreender nossa condição humana", dizem Fontana & Frey (1994, p. 361). Ela tornou-se técnica clássica de obtenção de informações nas ciências sociais, com larga adoção em áreas como sociologia, comunicação, antropologia, administração, educação e psicologia. Embora antes utilizada em jornalismo, etnografia, psicologia e pesquisas de mercado e de opinião, seu surgimento como tema metodológico pode ser identificado na década de 1930 no âmbito das publicações de assistência social americana, recebendo grande contribuição na década de 1940 nos estudos de Carl Rogers sobre psicoterapia orientada para o paciente (SCHEUCH, 1973, p. 171-172). A partir da Segunda Guerra Mundial, as entrevistas passam a possuir orientações metodológicas próprias. (DUARTE, 2005, p. 62)

Buscamos, portanto, perfis que pudessem acrescentar diferentes pontos de vista, com perfis sociais distintos, e a característica em comum de serem moradores ou ex - moradores do Complexo do Salgueiro. Vamos traçar um pequeno perfil destes personagens para fins de organização das opiniões ouvidas. Esses perfis foram separados e denominados em grupos, são eles Trabalhadores do Comércio Local; Trabalhadores de Fora; Donos de Comércio Locais; Ex moradores; Estudantes e Aposentados, como mostra a tabela abaixo.

Figura 11: Grupos de moradores ouvidos

MORADORES OUVIDOS	
Entrevistados: 14 pessoas entre 19 e 67 anos	
Donos de Comércio Locais	4
Trabalhadores do Comércio Local	1
Trabalhadores de fora	2
Estudantes	4
Ex Moradores	3
Aposentados	1

Fonte: Google Planilhas

As entrevistas foram gravadas, com intenção de possibilitar o registro literal e integral dos depoimentos. Alguns entrevistados apresentaram relutância com a questão da gravação, mas quando a entrevistadora se apresentava como moradora local, a conversa fluía bem. Depois, os relatos foram redigidos, de forma resumida, pela entrevistadora, destacando elementos importantes e relevantes para a pesquisa e também para se ter uma dimensão da coleta de dados, como orienta Duarte (2005).

Levamos em conta também a importância da escolha de pessoas adequadas para um panorama que se aproxime ao máximo da realidade que queremos mostrar. Nos estudos qualitativos, são preferíveis poucas fontes, mas de qualidade. Desse modo, uma única entrevista pode ser mais adequada para esclarecer determinada questão do que um censo nacional. “Por isso, é importante considerar que uma pessoa somente deve ser entrevistada se realmente pode contribuir para ajudar a responder à questão de pesquisa” (DUARTE, 2005, p. 68).

A questão central das conversas foi o impacto provocado pela reportagem exibida no Jornal Nacional, trazendo como guia a preocupação principal da presente pesquisa; a percepção dos moradores do Salgueiro sobre a reportagem. Tendo em vista que, ainda segundo Duarte (2005), o uso de entrevistas permite identificar as diferentes maneiras de perceber e descrever os fenômenos.

Dito isso, antes de começar a entrevista a pesquisadora se apresenta como estudante e moradora do Salgueiro, pergunta se o entrevistado pode assistir a um vídeo de três minutos e, se permitido, mostra o vídeo em seu aparelho celular. Em seguida, o vídeo é assistido e, então, inicia-se uma conversa. As entrevistas foram realizadas em um período de cerca de sete meses, de março a setembro de 2023, em momentos oportunos, onde a entrevistadora via oportunidade de conversar; seja no ponto de ônibus, ou na fila do mercado.

A cada entrevistado foram feitas perguntas diferentes, a depender do momento, ambiente, descontração e conforto ou não do entrevistado. Duarte (2005) fala sobre esta possibilidade em entrevistas qualitativas em profundidade. Entre as principais qualidades dessa abordagem está a flexibilidade de permitir ao informante definir os termos da resposta e ao entrevistador ajustar livremente as perguntas. Este tipo de entrevista procura intensidade nas respostas, não quantificação ou representação estatística (DUARTE, 2005).

Dito isso, a partir de agora, vamos traçar as falas mais importantes dos depoimentos coletados de cada grupo, como determina a tabela acima.

Trabalhadores do Comércio Local afirmam ter sentido o impacto da reportagem exibida no JN de maneira positiva. Uma das principais razões para isso foi a repercussão em outros jornais e o acompanhamento feito pelo jornal local, o RJTV, do caso, a partir da reportagem no JN. Dizem também que se sentiram mais seguros para voltar a trabalhar devido à repercussão midiática. Todos dizem que se sentiram importantes, diante da reportagem, que poderia chamar a atenção das autoridades. Além disso, eles afirmaram que para efeito prático, nada mudou na rotina dentro da comunidade em relação ao comércio, que ainda precisa obedecer às ordens do Comando Vermelho.

Os Trabalhadores de Fora também afirmaram que a reportagem teve pouco efeito prático, pois foi exibida após os acontecimentos, e não perceberam nenhuma mudança estrutural na comunidade.

Donos de Comércio Locais trouxeram outra perspectiva acerca da reportagem, disseram que a Rede Globo apenas aproveitou a oportunidade de mostrar algo impactante e violento sobre a comunidade. Foi citado que o Salgueiro fica visado, depois tamanha repercussão de um acontecimento negativo, desvalorizando o comércio, os trabalhadores honestos e os negócios locais em geral, e que faltou mostrar o outro lado, que seria a maioria guerreira e trabalhadora.

Ex-moradores afirmam que perceberam a reportagem como uma condenação do Complexo do Salgueiro, que estaria fadado ao abandono e à negligência das autoridades. Os ex-moradores ouvidos nesta pesquisa deixaram a comunidade justamente por causa da

violência no local. Evidenciaram o desejo de nunca mais voltar a morar naquele lugar. A reportagem é percebida como um alerta para o perigo do local.

Entre os Estudantes, a maioria se sentiu pouco representada pela reportagem, perceberam um teor sensacionalista que sugere impacto negativo para os moradores da comunidade. Além disso, este grupo diz que a abordagem foi rasa e não expor as nuances desse tipo de acontecimento.

O Aposentado afirma que nunca viu tamanha repercussão de um acontecimento na comunidade, em seus mais de 30 anos como morador. E que a reportagem em si não tem efeito algum sobre a realidade da comunidade; entendeu o vídeo como um ato sensacionalista, sem valor moral algum.

Podemos afirmar, portanto, que a reportagem gerou certo desconforto para os moradores devido à violência retratada. Além disso, reforça estigmas relacionados a comunidades, favelas e bairros periféricos; o de que existe apenas violência e abandono por parte do Estado. Evidencia a marginalização dos corpos, vivos e mortos. Também gera sentimento de impotência por parte dos moradores, que assistem sua realidade na TV e mal conseguem se identificar com ela. Fica evidente a necessidade de um aprofundamento histórico na reportagem, a necessidade de entrevistar mais pessoas, além de um olhar mais crítico e criterioso, tendo em vista que existe uma ótica na qual as notícias são difundidas, e isso influencia e transforma as narrativas sociais acerca da realidade.

As entrevistas em profundidade, contudo, foram bem sucedidas se levarmos em conta o ponto de vista de Duarte (2005) e seu argumento de que, no percurso de descobertas, as perguntas permitem explorar um assunto ou aprofundá-lo. Fazer perguntas “possibilitam ainda identificar problemas, microinterações, padrões e detalhes, obter juízos de valor e interpretações, caracterizar a riqueza de um tema e explicar fenômenos de abrangência limitada” (DUARTE, 2005, p. 63).

7. Violência Policial

Este capítulo visa tornar a pesquisa mais abrangente em relação ao objeto pesquisado, trazendo em perspectiva o fato de que a violência policial nas comunidades está diretamente relacionada com o racismo. A triangulação de dados com o acréscimo de fontes diversificadas de evidências, como documentos, observação e literatura e seu encadeamento consistente na etapa de análise, ajuda a garantir a validade dos resultados suportados por entrevistas em profundidade (DUARTE, 2005).

Através da leitura de artigos e ensaios sobre o assunto, torna-se possível compreender a banalização da violência no contexto que estamos estudando. Um texto publicado na Revista Piauí (2023), intitulado *A Impunidade é um Crime Letal*, fala sobre como casos de homicídio no Rio de Janeiro são praticamente esquecidos após 5 anos do ocorrido.

Por que nossa sociedade aceita a impunidade de um crime tão grave? As respostas são várias. No Brasil, três em cada quatro vítimas de homicídios são negros e, em geral, pobres, um perfil de vítima que, num país racista e marcado por desigualdades profundas, costuma gerar pouca comoção social. O senso comum diz que essas pessoas ou eram criminosas ou se colocaram em situação de risco, o que justificaria sua morte precoce. (MONTEIRO *et al.* 2023)⁶

Os homicídios praticados pelo Estado são muito mais numerosos do que outros tipos, como roubo seguido de morte, mas não costumam causar tanto impacto na mídia. Por essa razão, a cobertura midiática de crimes hediondos é significativamente maior. Uma das primeiras medidas que devem ser discutidas, se quisermos mudar a situação, é considerar que toda morte violenta intencional merece atenção.

Isaac Palma Brandão (2023), doutorando em sociologia pela Unicamp, faz uma análise dos estudos realizados pelo pesquisador Afro-Americano Du Bois⁷ sobre o encarceramento em massa da população negra, relacionando a questão racial como um problema institucionalizado. Apesar de a pesquisa de Du Bois ter sido realizada entre os anos de 1899 e 1901, existem pontos que explicam o cenário atual no Brasil. Antes de correlacionar as análises, é importante ressaltar que os estudos de Du Bois apontavam para criminalização das pessoas negras na história dos Estados Unidos.

⁶ Disponível em:

<https://piaui.folha.uol.com.br/impunidade-crime-homicidio-rio-de-janeiro-medicos-ministerio-publico/?utm_source=stack&utm_medium=email>. Acesso em: 14/10/23

⁷ William Edward Burghardt "W. E. B." ou apenas "Du Bois" foi um sociólogo, historiador, ativista pelos direitos civis, autor e editor norte-americano.(1868-1963)

De acordo com a pesquisa do sociólogo Du Bois, portanto, não existe uma correlação entre crime e raça, desloca-se o foco do criminoso e seus padrões físicos para o determinismo da época, fazendo, portanto, uma reinterpretação do contexto histórico e relacional.

Através das análises do sociólogo Du Bois, é possível interpretar o Brasil atual sob perspectiva semelhante, tendo em vista o encarceramento ou assassinato em massa da população negra.

A ausência de uma história social da criminalização de pessoas racializadas é uma enorme lacuna na sociologia e historiografia brasileira. Questões como a relação entre população negra e instituições policiais e jurídicas, a atuação da imprensa na construção e manutenção de imaginários criminais racializados, a vinculação entre violência e determinados territórios ou mesmo a relação entre a implementação de políticas de segurança e o aumento de pessoas negras encarceradas poderiam obter respostas mais criativas e originais e poderiam colaborar com a consolidação teórica de um campo de pesquisa ainda pouco institucionalizado⁸. (BRANDÃO, 2023)

Um boletim publicado em um ensaio no Nexo Jornal, realizado pelo centro de pesquisas “Pele alvo: a cor da violência policial”, mostrou que a cada quatro horas pelo menos uma pessoa não branca é morta pela polícia nos estados de Bahia, Ceará, Pernambuco, Piauí, Rio de Janeiro e São Paulo. Os dados, porém, são defasados. Existe um apagamento na questão da cor/raça nas certidões de óbito, o que dificulta a consulta de dados preciso sobre o assunto, principalmente nas mortes causadas pelo Estado. Segundo os autores do ensaio, Paulo Nunes e Luiz Eduardo Silva (2021), o silenciamento das informações nas certidões de óbito também são uma forma de racismo.

Essa omissão (intencional?) de dados, além de revelar um misto de descaso e incompetência, gera prejuízos incalculáveis ao tentar produzir o apagamento do racismo presente nas ações dos agentes do Estado. O que ainda dificulta que a sociedade possa dimensioná-lo, compreendê-lo, discuti-lo publicamente para daí encontrar maneiras para sua superação. (NUNES; SILVA. 2021)

O descaso sobre a produção de dados sobre a mortalidade no Brasil, principalmente em questões raciais e de gênero, impede o avanço das pesquisas nesse campo, além de manter às margens um problema de alcance público. Ao não produzir dados sobre a cor/raça das vítimas da letalidade policial, os governantes dão um recado claro de que essas mortes não são importantes nem ao menos para virarem números (NUNES; SILVA. 2021).

⁸ Disponível em:

https://pp.nexojornal.com.br/opiniao/2023/Do-%E2%80%9Ccriminoso-negro%E2%80%9D-%C3%A0-criminaliza%C3%A7%C3%A3o-das-popula%C3%A7%C3%B5es-negras-Du-Bois-e-a-sociologia-do-crime-e-da-viol%C3%Aancia?utm_medium=email&utm_campaign=Seleo%20da%20semana%20161&utm_content=Seleo%20da%20semana%20161+CID_0063a9731241a6fdd1c5461e470cac89&utm_source=Email%20CM

Portanto, podemos relacionar a ausência de dados com as operações policiais corriqueiras no complexo do Salgueiro, onde a população é majoritariamente negra. Passaram-se mais de dois anos desde que a Operação estudada neste trabalho aconteceu, cujos corpos foram abandonados no mangue. Desde então pouco se fala sobre a violência policial que persiste no local. O que se tem, por outro lado, são registros de história oral (FERREIRA; AMADO, 2006). Moradores contam, semana após semana, sobre pessoas mortas, baleadas e invisibilizadas, aguardando, portanto, uma violência de magnitude à chamar a atenção da mídia e do Estado.

Produzir, divulgar e debater os dados é tarefa de governos democráticos que se pautam na melhoria da vida de seus cidadãos. Quando não há dados, não há problema. E no caso do racismo, a ausência de dados é um silenciamento que mantém as engrenagens racistas da nossa sociedade em movimento. (NUNES, SILVA. 2021)

A rede de observatórios de segurança destaca ainda que mortes causadas fora de operações policiais são consideradas homicídio, sendo assim, não entram nas estatísticas de mortes causadas por confronto. Falamos, portanto, de um universo em que oficialmente 86% dos mortos pela polícia no Estado são pessoas negras. Muitos crimes seguem sem desfecho, principalmente na região metropolitana. (NUNES; SILVA. 2021)

O enfrentamento da violência policial nas comunidades é um dos maiores desafios do Estado do Rio de Janeiro. A política de violência no enfrentamento ao tráfico de drogas mostra-se ineficaz diante de uma história baseada em confrontos entre polícia e comunidades. Foi na década de 1980 que o tráfico de drogas tomou uma dimensão mais organizada e ameaçadora, mas, o estigma relacionado à comunidades periféricas no Rio de Janeiro vem antes disso, como relata Camilo Rocha em mais uma matéria ao Nexo Jornal.

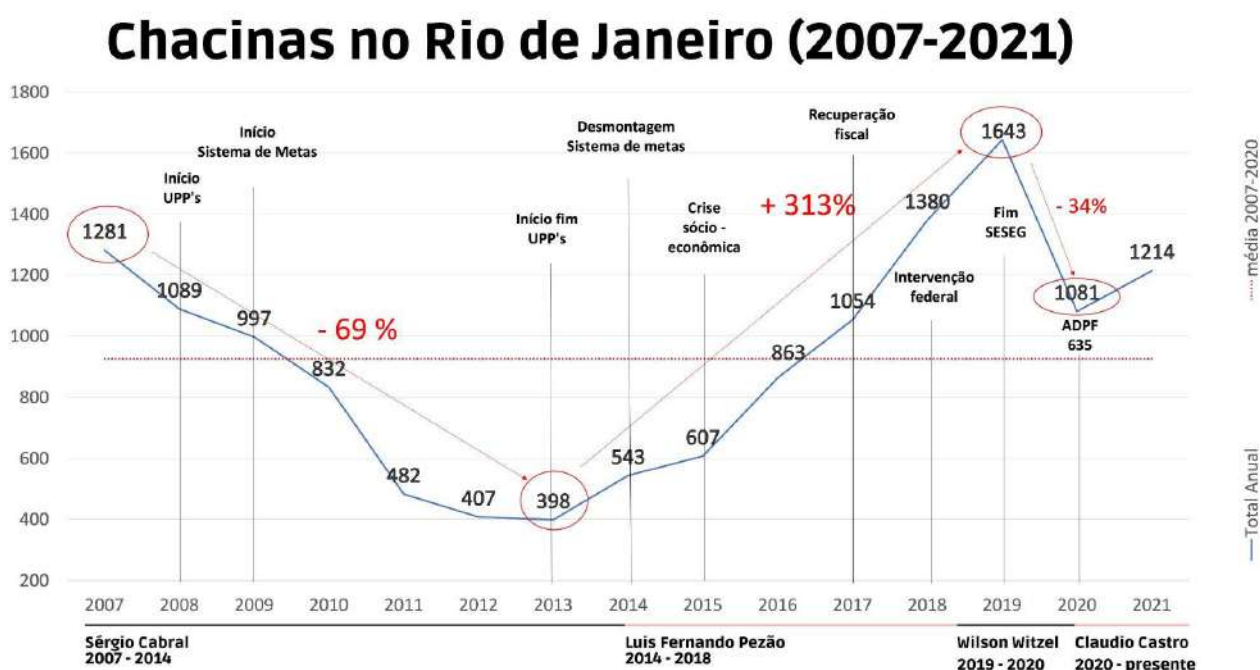
Existem registros de incursões policiais em comunidades pobres da cidade desde a década de 1930, e a estigmatização das populações dessas áreas é ainda mais antiga. Uma reportagem de jornal de 1902 diz que “lugares existem no Rio de Janeiro onde não aparece sombra de polícia. Um deles é o morro da Providência, onde os celerados de todas as espécies campeiam à vontade, praticando toda a sorte de perversidades” (ROCHA. 2021)

Ou seja, não se trata de um problema atual, mas sim uma questão que está enraizada na formação social da cidade, e um dos motivos disso é a violência contra a população negra. Na década de 90, passam a constar registros de violência policial onde chacinas perpetradas por – ou que tinham como principais suspeitos – agentes da lei, em missão oficial ou não, se tornaram uma ocorrência recorrente. (ROCHA, 2021)

Ainda segundo o artigo Como as operações policiais viraram regra no Rio de Janeiro, (2021), fica evidente que ações policiais em represália a morte de agentes de militares é também um fenômeno antigo, como a chacina de Acari, em 1990, onde 11 jovens foram sequestrados e mortos, e a chacina de Vigário Geral, em 1993, onde 21 moradores da comunidade, sem envolvimento com o tráfico, foram assassinados por policiais militares em represália à execução de quatro PMs no dia anterior, como mostra o site wiki favelas.

O site faz também um panorama das chacinas provocadas por policiais ao longo dos últimos anos, são dezenas de mortes causadas por agentes do Estado, como mostra o gráfico a seguir.

Figura 12: Quadro de chacinas no estado do Rio de Janeiro



O Wiki Favelas mostra também um relatório produzido pelo Grupo de Estudos dos Novos Ilegalismos da Universidade Federal Fluminense (GENI/UFF), em 2022, no período de 2007 a 2021, onde foram realizadas 17.929 operações policiais em favelas na Região Metropolitana do Rio, das quais 593 terminaram em chacinas, com um total de 2.374 mortos. Isso representa 41% do total de óbitos em operações policiais no período.

⁹

Os números refletem o descaso e a criminalização da população negra e pobre do estado do Rio, que, além de serem marginalizados, ainda vivem sob vigilância do tráfico ou milícias, poderes paralelos predominantes.

De acordo com um levantamento divulgado em 2020, a maior parte da população carioca vive sob o jugo de organizações criminosas. A milícia e o tráfico atuam em 96 dos 163 bairros da cidade, onde vivem 57% da população da cidade. Segundo o estudo, realizado pela plataforma Fogo Cruzado, pelo Geni-UFF, pelo Núcleo de Estudos de Violência da Universidade de São Paulo e pela plataforma Pista News, 33% dos cariocas moram em áreas de milícias e 18% em regiões controladas pelo Comando Vermelho. (ROCHA, 2021)

Em entrevista ao Jornal Nexo, a professora do Departamento de Sociologia da USP, coordenadora do Afro, o Núcleo de Pesquisa e Formação em Raça, Gênero e Justiça Racial do Cebrap (Centro Brasileiro de Análise e Planejamento), Márcia Lima, falou sobre as raízes da violência policial. Para ela, as mortes provocadas pela polícia são assassinatos. “Não se trata de um fenômeno que se destaca. É um *modus operandi*. Ou seja, o racismo é um elemento constituinte da violência do país. As estatísticas comprovam isto”. (LIMA, 2020)

De acordo com os dados do último relatório do Fórum Brasileiro de Segurança Pública, os negros – que correspondem a 55% da população – são 75,4% dos mortos pela polícia. Há um enorme viés racial na violência policial no Brasil.

Da mesma forma que educação, renda, trabalho são indicadores de desigualdades raciais, a violência também se constitui como um indicador potente, pois ela atinge de forma desigual os jovens negros do país. (LIMA, 2020)

Quando questionada sobre a questão das mortes e se elas podem ser interpretadas como um desdobramento do racismo no país, Marcia Lima responde que elas não são um desdobramento, e sim mais uma evidência do racismo no país. A pesquisadora ressalta que há inúmeros estudos e pesquisas que demonstram isso. Desde a abordagem policial até a condenação mais longa das pessoas negras (comparadas aos brancos com os mesmos delitos), o sistema de Justiça funciona para abordar, matar, condenar mais e condenar por mais tempo pessoas negras. (LIMA. 2020)

A violência policial, um fenômeno persistente e representa uma séria ameaça aos direitos humanos e à integridade. A utilização excessiva da violência por parte das forças policiais, direcionada de maneira desproporcional contra comunidades marginalizadas, evidencia a necessidade de estudos e políticas mais eficientes. A falta de prestação de contas e

a impunidade em casos de abuso policial contribuem para a perpetuação desse problema, minando a confiança entre as comunidades e as autoridades encarregadas de proteger. A busca por soluções eficazes requer um comprometimento com a transparência, responsabilização e uma reflexão crítica sobre as políticas de segurança, visando garantir que a aplicação da lei promova a justiça, a igualdade e a proteção dos direitos fundamentais de todos os cidadãos.

Nesse contexto, o sucesso das entrevistas em profundidade está intrinsecamente ligado à habilidade do entrevistador de formular perguntas relevantes e perspicazes. A capacidade de explorar um assunto em profundidade por meio de questionamentos estratégicos permite não apenas obter informações superficiais, mas também revelar camadas mais profundas de conhecimento e compreensão.

Ao identificar problemas durante as entrevistas, o pesquisador pode não apenas reconhecer desafios existentes, mas também entender suas origens e possíveis soluções. As microinterações, muitas vezes negligenciadas em abordagens mais amplas, tornam-se visíveis através de perguntas minuciosas, oferecendo uma compreensão mais rica e contextualizada do fenômeno em estudo.

A identificação de padrões e detalhes, facilitada por perguntas cuidadosamente elaboradas, contribui para a criação de uma imagem mais completa e precisa do tema. Obtendo juízos de valor e interpretações dos entrevistados, o pesquisador pode não apenas conhecer os fatos, mas também compreender as perspectivas subjetivas que moldam a percepção do tema.

A capacidade de caracterizar a abrangência de um tema está relacionada à habilidade de extrair informações multifacetadas durante as entrevistas. A diversidade de perspectivas e experiências apresentadas pelos entrevistados contribui para uma maior compreensão do assunto em análise.

Além disso, ao explicar fenômenos de abrangência limitada, as entrevistas em profundidade fornecem uma plataforma para investigar detalhes específicos que podem não ser adequadamente explorados por métodos de pesquisa mais amplos. Isso possibilita uma compreensão mais contextualizada de fenômenos que, de outra forma, poderiam ser negligenciados.

Assim, ao seguir a abordagem proposta por Duarte (2005) e utilizando perguntas de maneira eficaz, as entrevistas em profundidade emergem como uma ferramenta valiosa para a pesquisa, permitindo uma exploração abrangente e aprofundada de temas complexos e multifacetados.

8. Conclusão

Considerando os expostos na pesquisa, podemos afirmar que a violência policial em comunidades e favelas é um dos sintomas do racismo estrutural, que está enraizado em instituições e sistemas, contribuindo para a perpetuação das desigualdades. O racismo estrutural tem raízes históricas, e vem sendo construído ao longo do tempo. Suas ramificações persistem devido à perpetuação de políticas discriminatórias e práticas que impactam negativamente grupos racialmente marginalizados. O combate ao racismo estrutural envolve a conscientização, a análise crítica das políticas e práticas existentes, e é um desafio complexo que exige esforços coordenados em níveis individuais e institucionais.

Na presente pesquisa, também ficou claro quais foram os principais critérios de noticiabilidade usados pelo Jornal Nacional para exibir a reportagem sobre o Salgueiro, sendo eles, como mencionado nos capítulos anteriores; entretenimento, polêmica, tabu, proximidade e empatia. Os valores ou critérios, são determinantes para os grandes veículos de comunicação. Os *mass media* têm ainda a capacidade de moldar a realidade através de sua própria perspectiva. Entendemos, portanto, a importância de investigar o assunto, sendo este um vasto campo de estudos e pesquisa, crucial para entendermos o processo de formação de opinião.

Por outro lado, é importante ressaltar que os critérios de noticiabilidade foram inseridos dentro do contexto de uma única reportagem no Jornal Nacional, mostrando assim a urgência de análises mais aprofundadas e abrangentes com o objetivo de entender melhor como os valores-notícias se aplicam atualmente e como este fenômeno está inserido na sociedade.

Seguindo os métodos de pesquisa estudados para a realização da mesma, ouvimos a opinião dos moradores em dois momentos cruciais; primeiro sobre a operação policial em si, segundo sobre a exibição da reportagem no JN que mostrava a operação. A variedade de perspectivas adotadas neste momento do estudo se mostrou eficaz, proporcionando uma abordagem mais abrangente e enriquecedora, incorporando diferentes experiências e interpretações. Essa multiplicidade de perspectivas não apenas enriqueceu a profundidade da pesquisa, mas também contribuiu para a identificação de sua complexidade.

Contudo, como discutido nos capítulos anteriores, a pesquisa quantitativa se mostrou pouco eficaz, e o formulário online, considerado simples e prático pela pesquisadora, teve pouca abrangência, obtendo menos de 50 respostas. Levando em conta a densidade demográfica do complexo do Salgueiro, o número é ínfimo, representa uma parcela muito pequena da população local. Além disso, essa parcela da população tem características muito

próprias, como acesso a internet, tempo disponível para responder perguntas, não tem medo de se expor, entre outras variáveis.

É importante ressaltar também que quando as pessoas são questionadas de forma superficial, em um questionário em que marcam sim ou não, sem muita reflexão, elas podem reproduzir e adotar a visão dominante, de que aparecer na mídia é bom ou tem impacto positivo, mesmo sem profundidade. Mas, quando são confrontadas com a reportagem, como nas entrevistas em profundidade, são convidadas a pensar, dialogar e refletir, entendem os aspectos negativos da exposição midiática que não se aprofunda nos fatos e tem uma narrativa sensacionalista ou rasa em relação aos acontecimentos.

Sendo assim, o método qualitativo demonstrou muito mais eficácia no que diz respeito à obtenção de informações e opiniões por parte dos moradores, proporcionando uma compreensão mais aprofundada e contextualizada dos aspectos analisados. Ao se concentrar em entrevistas, observações e análises detalhadas, a abordagem qualitativa permite uma exploração mais rica das nuances e das experiências subjetivas dos participantes.

Vale ressaltar que, apesar de ter demonstrado eficácia, nossa pesquisa qualitativa também teve seus recortes e generalizações, ouvindo, mais uma vez, uma pequena parcela da população. Por demandar mais tempo com o desenrolar das conversas, as entrevistas em profundidade focaram em pessoas que poderiam representar certos grupos, sendo eles Trabalhadores do Comércio Local; Trabalhadores de Fora; Donos de Comércio Locais; Ex moradores; Estudantes e Aposentados. Desta forma, obtivemos uma parcela pequena de respostas produtivas. Mostra-se urgente então uma pesquisa mais abrangente no local, a fim de traçar um panorama mais detalhado sobre a opinião dos moradores.

Nossa pesquisa contribuiu para elucidar processos de formação de opinião, além de violência policial, racismo e multiplicidade de narrativas, tudo isso através de metodologias científicas usadas nas ciências humanas. Além disso, testamos a hipótese de que a reportagem do JN influenciou a maneira como os moradores perceberam a abordagem policial, chegando à seguinte conclusão; para encontrar uma resposta ou conclusão sólida, seria preciso uma análise mais aprofundada e detalhada, levando em conta os recortes sociais e todas as demais nuances já citadas.

Por fim, a hipótese levantada não se encerra aqui, mostra-se essencial que os estudos abordados continuem evoluindo, buscando uma compreensão cada vez mais abrangente e precisa dos fenômenos em análise. O entendimento obtido até o momento representa um ponto de partida valioso, mas o conhecimento é dinâmico e sujeito a constante ampliação. Portanto, é crucial que pesquisadores mantenham um compromisso contínuo com a

investigação, explorando novas perspectivas, métodos e contextos para aprimorar ainda mais as conclusões alcançadas, promovendo avanços significativos no campo estudado.

Para ter uma abrangência maior, a pesquisa precisa ouvir e considerar outros personagens importantes em relação ao objeto estudado. Na presente pesquisa, seria importante também ouvir as pessoas retratadas na reportagem, sobretudo as marginalizadas. É importante ouvi-las a fim de saber suas opiniões acerca das coberturas jornalísticas de episódios violentos, como o fenômeno retratado neste estudo.

Ampliar a abrangência da pesquisa para incluir a perspectiva das pessoas retratadas na reportagem, especialmente aquelas marginalizadas, é uma proposta fundamental para enriquecer a compreensão do objeto de estudo. Ouvir as vozes daqueles que são diretamente impactados pelos episódios violentos pode oferecer uma versão mais ampla dos acontecimentos narrados. Suas opiniões sobre a cobertura jornalística podem ainda lançar luz sobre as dinâmicas complexas envolvidas, revelando nuances e desafios muitas vezes negligenciados. Essa abordagem inclusiva não apenas contribui para uma análise mais completa, mas também pode garantir que as experiências das pessoas marginalizadas sejam consideradas e respeitadas no contexto do estudo.

Incluir a perspectiva das pessoas retratadas em reportagens mostra-se, portanto, uma prática crucial, enriquecedora, inclusiva e sensível às experiências reais daqueles que muitas vezes são sub-representados ou estigmatizados. Incorporar essas visões não apenas contribuirá para uma análise mais abrangente, mas também promoverá a “democratização” da narrativa, por isso é importante considerar a percepção e as experiências das pessoas diretamente afetadas pelas operações policiais.

Existe, contudo, o mérito singular deste estudo ao dar espaço para as perspectivas daqueles que frequentemente são excluídos do diálogo midiático. Ouvir diretamente as opiniões das pessoas impactadas pelas coberturas jornalísticas contribui não apenas para uma compreensão mais completa do fenômeno estudado, mas também para um engajamento mais inclusivo na pesquisa acadêmica, além do enriquecimento da compreensão do fenômeno estudado.

Através de todos os expostos, pode-se afirmar que esta pesquisa contribuiu para esclarecer processos de formação de opinião, violência policial, racismo e multiplicidade de narrativas, utilizando metodologias científicas nas ciências humanas. A análise dos critérios de noticiabilidade e a investigação sobre a influência da mídia na percepção da abordagem policial são apenas o começo de uma compreensão mais profunda desses fenômenos. A

pesquisa deve continuar evoluindo, buscando uma compreensão cada vez mais abrangente e precisa, promovendo avanços significativos no campo estudado.

9. Referências bibliográficas

ADICHIE, Chimamanda. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

AMADO, Janaína. **A culpa nossa de cada dia: Ética e História Oral**. Revista do Programa de estudos pós-graduados em História. 2006. São Paulo.

BRAGA, José Luiz; LOPES, Maria Immacolata Vassalo de; MARTINO, Luiz Cláudio (org). **Pesquisa empírica em comunicação**. São Paulo: Paulus, 2010. Coleção Comunicação, Livro Compós 2010.

BRANDÃO, Isaac Palma. **Do “criminoso negro” à criminalização das populações negras: Du Bois e a sociologia do crime e da violência**. Nexo Jornal: 2023.

DE MORAES FERREIRA, Janaína Amado Marieta. **Usos e abusos da história oral**. Editora: FGV, 2006

Duarte, Evandro; Felipe, Freitas. **“Corpos Negros Sob a Perseguição Do Estado: Política de Drogas, Racismo E Direitos Humanos No Brasil.”** Direito Público, Porto Alegre, Síntese, Oct. 2019.

DUARTE, Jorge; BARROS; Antonio (org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005.

ECO, Umberto. **Como se faz uma tese**. 10a Ed. São Paulo: Perspectiva, 1993.

GERK, Cristine. **Whatsapp e a Participação do Leitor: A Avaliação dos Jornalistas sobre os Desafios e Mudanças no Mundo Contemporâneo**. Rio de Janeiro. 2015

LAZARSELD, Paul apud WOLF, Mauro. **Teorias da Comunicação**, 1987.

LIMA, Juliana Domingos de. **O racismo autoriza a polícia a atirar indiscriminadamente**. Nexo Jornal: 2020.

MONTEIRO, GUERRA, COUTO, BORGES, Joana, Julia, Maria Eduarda e Afonso. **A impunidade é um crime letal**. Revista Piauí. 2023. Disponível em: https://piaui.folha.uol.com.br/impunidade-crime-homicidio-rio-de-janeiro-medicos-ministerio-publico/?utm_source=substack&utm_medium=email Acesso em: 28/11/2023

NUNES; SILVA, Pablo, Luiz Eduardo. **O racismo no apagão de dados sobre violência policial**. Nexo Jornal; 2021.

PENA, Felipe. **Teorias do Jornalismo**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

ROCHA, Camilo. **Como as operações policiais viraram regra no Rio de Janeiro**. Nexo Jornal. 2021. Disponível em: <https://www.nexojournal.com.br/expresso/2021/05/07/Como-as-opera%C3%A7%C3%B5es-policiais-iraram-regra-no-Rio-de-Janeiro> acesso em 28/11/23

RIBEIRO, at al, Ana Beatriz. **O embate entre a mídia tradicional e a alternativa: uma análise da cobertura do Massacre do Jacarezinho**. UFRJ: 2021.

RODRIGUES, Andrés. “**O Que Resta Da Democracia: Ampliação Da Justiça Militar E a Impunidade No Brasil**.” Le Monde Diplomatique; 2021.

RODRIGUES, *et al*, Thiago. **Gobernanza híbrida, violencia urbana y legitimidad en tiempos de pandemia: el caso del comando vermelho en el complejo do salgueiro**. Bogotá, p.123-149, Disponível em: http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0121-47052021000200123&lng=en&nrm=iso. acesso em 26 Julho 2022.

SANTOS, Sílvio Matheus (2017). **O método da autoetnografia na pesquisa sociológica: atores, perspectivas e desafios**. Plural, p. 214-241. São Paulo: USP, Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/plural/article/view/113972>

SILVA, Robson Campaneruti da. **Saindo da calçada: mapeamento das redes sociais de lideranças femininas do bairro do Salgueiro, em São Gonçalo/RJ**. Niterói, 2013.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo - Por que as notícias são como são**. Florianópolis: Insular, 2005.

TV Globo, G1 Rio. “**Oito Corpos São Retirados de Mangue Em São Gonçalo; Moradores Falam Em Outros Mortos Pela PM.**” G1, g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2021/11/22/corpos-sao-goncalo.ghtml. Accessed 27 July 2022.

WIKI, Favelas. **Linha do tempo das principais chacinas no Rio de Janeiro**. Disponível em: https://wikifavelas.com.br/index.php/Linha_do_tempo_das_principais_chacinas_no_Rio_de_Janeiro.